

## A VIDA EM RESSIGNIFICAÇÃO: MEMÓRIA, PARÁFRASE E POLISSEMIA NA HASHTAG #MINHAARMAMINHAVIDA

Deborah Danny da Silva Pereira<sup>1</sup>

Lucirley Alves de Oliveira<sup>2</sup>

Desde o seu surgimento no site de rede social Twitter, em 2007, a hashtag tornou-se um recurso popular entre as comunidades virtuais, sendo utilizada também em outros espaços e por diversos setores da sociedade, produzindo diferentes sentidos. Existem múltiplas categorias de hashtags, como, por exemplo, as que têm um tom mais humorístico e estão inseridas numa condição de comunicação corriqueira e efêmera, tais como: #TBT #Sextou #ForçaFocoFé etc. Há também as hashtags atreladas a programas televisivos, que, em geral, são usadas para promover esses programas, e, ainda, produzir relevância/audiência na internet, fazendo com que os sujeitos usuários permaneçam conectados a TV sob um efeito de interlocução (OLIVEIRA, 2017). Entre estes usos, existem as hashtags políticas, que são utilizadas pra oferecer apoio ou repúdio a uma causa social ou pra marcar uma posição normalmente disputada e polêmica. É justamente esse o caso da hashtag #MinhaArmaMinhaVida - que tomamos como objeto de análise neste trabalho.

A hashtag #MinhaArmaMinhaVida foi bastante (re)compartilhada no Twitter, permanecendo 20 horas entre os primeiros lugares dos Assuntos do Momento no Brasil, no dia 12 de junho de 2019, por causa da suspensão, pela Comissão de Constituição e Justiça (CCJ) do Senado, do Decreto Nº 9.785, assinado pelo presidente Jair Bolsonaro, na época filiado ao Partido Social Liberal (PSL), que visava flexibilizar o porte de armas no Brasil. Portanto, podemos considerar que essa hashtag funciona como um gesto de apoio ao referido projeto de lei e, assim, se configura como uma hashtag de caráter político que opera, em nosso entendimento, como um enunciado.

Deste modo, lembramos de Michel Pêcheux que, em *O Discurso: Estrutura ou Acontecimento*, reflete sobre o enunciado “*On a Gagné*” (Ganhamos), pronunciado após o resultado da eleição presidencial francesa de 1981, entendendo que “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se descolar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (PÊCHEUX, [1983] 2006, p. 50), ou seja, a deriva, a possibilidade de deslocamento de sentidos faz parte de um enunciado e, para isso, a memória e a historicidade se constituem como fundamentais, pois o enunciado se relaciona não apenas com o que pode vir a ser, mas principalmente com o que já é, já existe e já foi dito - um enunciado pode estabilizar ou desestabilizar a memória discursiva, que, para Pêcheux,

não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos da Linguagem pela UFF. E-mail: deborah.p16@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutoranda em Letras/Linguística pela UFPE e membro do Núcleo de Estudos em Práticas de Linguagem e Espaço Virtual (Neplev). E-mail: lucirleya@gmail.com.

reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos (PÊCHEUX, 2015, p. 50).

Assim, as hashtags políticas e, especificamente, a #MinhaArmaMinhaVida, operam como enunciados – já que estão passíveis de deriva e deslizos de sentidos – com a particularidade de, quando dispostos on-line, serem clicáveis e pesquisáveis e significarem também pela circulação que, de acordo com Pêcheux, no texto de abertura do Colóquio Materialidades Discursivas, não são jamais aleatórias, não são jamais “não importa quê” (PÊCHEUX, [1980] 2016, p. 28).

Cabe destacar que prática da hashtag, como nos ensina Paveau (2017), não fica presa ao “ativismo de hashtag” e ultrapassa o marketing ou a militância on-line justamente pela fluidez das circulações entre os universos digitais e não digitais. Deste modo, compreendemos que analisar a hashtag #MinhaArmaMinhaVida, mesmo que ela não tenha feito parte de um grande movimento nas ruas, é fundamental para o entendimento das dinâmicas políticas atuais. Isto ocorre porque as hashtags operam, conforme Pereira (2018, p. 19), de forma discursiva e, ao se constituírem como lugar de poder e disputa, permitem a reflexão sobre o funcionamento do histórico, do político, das relações de memória e dos confrontos que fazem parte da sociedade contemporânea.

Neste sentido, é essencial nos debruçarmos ao fato de que a #MinhaArmaMinhaVida resgata um dizer anterior, o Minha Casa Minha Vida, programa de habitação federal criado há dez anos, em março de 2009, pelo governo do ex-presidente Lula, do Partido dos Trabalhadores (PT). Essa deriva – de casa para arma – presente na hashtag #MinhaArmaMinhaVida revela um embate ideológico acerca dos efeitos de sentido da palavra vida, como podemos analisar com base no conjunto de *tweets* coletados do Twitter a partir do arquivo constituído por esta hashtag (cf. Figura 1 e Figura 2):

**Figura 1** - Print de tweets com a #MinhaArmaMinhaVida

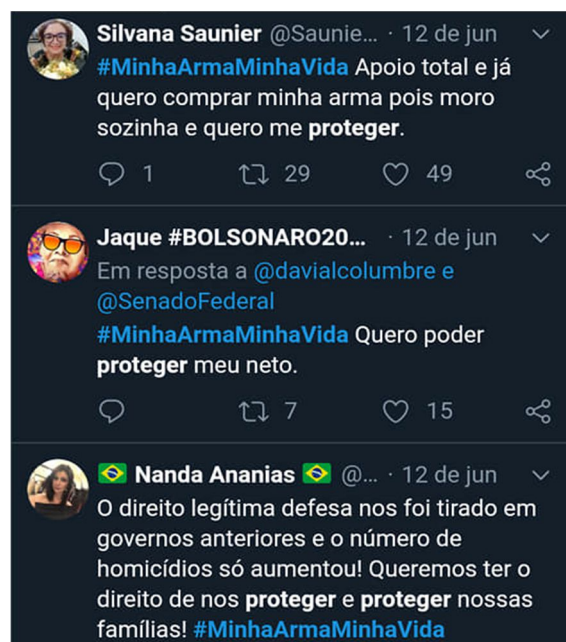
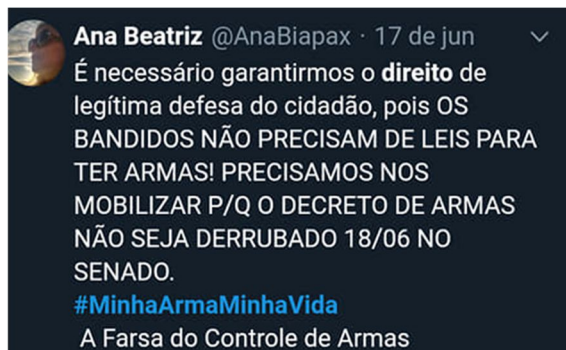


Figura 2 - Print de tweet com a #MinhaArmaMinhaVida



Empreendendo nosso gesto de leitura, realçamos dos *tweets* apresentados acima a repetição de alguns termos, são eles: arma, proteção, defesa, direito e família. Considerando que, de acordo com Orlandi (1999), o funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásticos e polissêmicos foi possível, através dos termos destacados, construir paráfrases – presentes no quadro abaixo – para os dois enunciados. Neste ponto, cabe destacar que Lagazzi (2015, p. 178) discute que buscar paráfrases plausíveis para um enunciado significa “considerar as derivas possíveis nas condições de produção dadas para, assim, delimitar as fronteiras da família parafrástica à qual pertence o enunciado”, evocando, no discurso analisado, as posições sujeito e as formações discursivas em jogo. Assim, temos o quadro a seguir que revela as derivas possíveis para Minha Casa Minha Vida e #MinhaArmaMinhaVida:

MINHA CASA MINHA VIDA	MINHA ARMA MINHA VIDA
MINHA PROTEÇÃO MINHA VIDA	MINHA PROTEÇÃO MINHA VIDA
MEU TETO MINHA VIDA	MINHA VIOLÊNCIA MINHA VIDA
MEU SONHO MINHA VIDA	MEU PODER MINHA VIDA
MINHA TRANQUILIDADE MINHA VIDA	MINHA AMEAÇA MINHA VIDA
MINHA FAMÍLIA MINHA VIDA	SUA MORTE MINHA VIDA

É possível notar que, no deslize entre casa e arma, vida se ressignifica: de teto para violência, de sonho para poder, de tranquilidade para ameaça, de convivência familiar para a morte do outro. Apenas o sentido de proteção permanece, mas essa proteção ressoa de modos distintos. Em Minha Casa Minha Vida a proteção se dá pela moradia, pelo abrigo, por questões financeiras, já que um dos objetivos do programa habitacional é fazer com que famílias de baixa renda não dependam do aluguel; a proteção também está na segurança de se ter um imóvel próprio para repassá-lo para os filhos. Já em #MinhaArmaMinhaVida, a proteção se dá pela ausência do outro, pela possibilidade de aniquilação do outro; a segurança está na ameaça, na iminência de morte e, portanto, na intolerância. A casa produz um efeito agregador enquanto a arma pressupõe apenas uma possibilidade de vida, que só pode existir em detrimento de outra. Assim, considerando as relações sociais, casa e arma significam o outro diferentemente: em casa há o efeito de junção, de agrupamento que opera pelo plural (nós/nossa) e lança ao outro um convite ao convívio, à partilha; já arma joga com o medo, com a intimidação, promovendo no/com o outro uma relação de coação.

É interessante pontuar que dez anos separam o momento de ápice destes dois dizeres. Em 2009, quando o Programa Minha Casa Minha Vida foi lançado, o Brasil vivia um *boom* econômico, o poder de compra de minorias sociais aumentava, muitas famílias adquiriam imóveis, viagens etc. A classe trabalhadora consumindo gerava não apenas uma mexida na economia, mas em aspectos sócio discursivos, uma vez que, se pobres, negros e LGBTs compravam, suas realidades também passavam a ser mais representadas nos meios hegemônicos de comunicação e, mais que isso, a presença destas pessoas ocupava mais lugares (anteriormente negados), a exemplo de bancos, escolas particulares, clubes, universidades e aeroportos. A possibilidade do múltiplo e do heterogêneo, ainda que com conflitos e embates, se evidenciava.

Em 2019, não somente vemos o agravamento da crise econômica, com o aumento do desemprego e subempregos, alimentados pela lógica neoliberal, mas, também, a eclosão de discursos, que sempre existiram, mas que, agora, passam a ter mais adesão popular, que tentam: i) negar conflitos através de dizeres como “racismo/machismo não existe no Brasil” e “nunca houve ditadura no Brasil”; e ii) simplificar questões complexas como “meninos usam azul e meninas rosa”, “homem é homem, mulher é mulher” e “a solução para a violência é matar os bandidos”. Há, portanto, neste momento, uma tentativa de aprisionamento de sentidos, como se não houvesse a possibilidade para o deslize e para o alhures. A hashtag #MinhaArmaMinhaVida, assim, representa um corte não só de outras vidas, mas de outros sentidos, como se o mundo fosse o lugar apenas de um.

Além disso, chamamos atenção para o pronome possessivo “minha” presente nos dois dizeres: Minha Casa Minha Vida e #MinhaArmaMinhaVida. Este pronome, repetido duas vezes nos dois enunciados, traz a memória da propriedade privada que, no caso, é significada como um direito. “Minha Casa Minha Vida” evoca o direito de morar, a posse da casa; #MinhaArmaMinhaVida traz o direito de matar, a posse não apenas do armamento, mas da vida do outro. Neste sentido, o direito à propriedade e, portanto, a filiação a uma posição capitalista perpassa o modo como significam os dois dizeres. No entanto, cabe frisar que o Programa Minha Casa Minha Vida, mesmo que esteja inserido nesta lógica (do consumo e da posse individual), desloca estruturas sociais já que significa acesso à moradia e melhores condições de vida a quem este acesso e condições eram interditados anos antes; o direito à arma, ao contrário, mantém significados já regularizados: cidadão de bem merece viver e os outros, diferentes, morrer.

Por fim, a hashtag #MinhaArmaMinhaVida pressupõe um apagamento e uma negação de existências e de ideias, rompendo com qualquer possibilidade de fuga de sentidos que, de acordo com Orlandi (2012), não significa fugir, mas sim ressoar, ir além, arrebatando sentidos em outro lugar. É uma desorganização produzida pelo movimento. Deste modo, se nosso desejo é lutar contra essas armas e tudo o que elas simbolizam, lembremos que a arma capaz de produzir desorganização é a própria língua. Que nos agarremos a ela – não de qualquer forma, mas com a ousadia de pensar como já nos ensinou Pêcheux e continuemos dizendo, postando, deslocando, ouvindo e explodindo sentidos novos, aqui e em outros lugares.



## REFERÊNCIAS

- LAGAZZI, S. M. Paráfrases da Imagem e Cenas Prototípicas: em torno da memória e do equívoco. *In*: FLORES, G.; NECKEL, N.; GALLO, S. (org.). *Análise de Discurso em Rede: Cultura e Mídia*. 1. ed. Campinas: Pontes, 2015. v. 1, p. 177-189.
- OLIVEIRA, L. A. de. *O funcionamento discursivo das hashtags pela/na TV*. 2017. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Recife, 2017.
- ORLANDI, E. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.
- ORLANDI, E. A fuga de sentidos: efeitos da polissemia e do silêncio. *In*: CARROZZA, G.; SILVA, T. D. da (org.). *Sujeito, Sociedade, Sentidos*. Campinas: RG, 2012.
- PAVEAU, M. *L'analyse du Discours Numérique: dictionnaire des formes e des pratiques*. Paris: Hermann Éditeurs, 2017.
- PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.
- PÊCHEUX, M. Abertura do Colóquio. *In*: CONEIN, B. et al. *Materialidades Discursivas*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2016.
- PÊCHEUX, M. Papel da Memória. *In*: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Tradução: José Horta Nunes. 4a ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. p. 43-51.
- PEREIRA, D. D. S. *Funcionamento discursivo das hashtags: um olhar para a #somostodos*. 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP, 2018.